

## IMERGINDO NA REALIDADE, EMERGINDO EM CRIAÇÃO: A REPORTAGEM COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO

Rosângela Dias Carvalho do Nascimento  
Universidade Estadual da Paraíba – rosedcn10@gmail.com

**Resumo:** Considerando-se que um dos grandes desafios da educação brasileira é despertar nos estudantes o interesse pelas aulas, o objetivo do artigo é verificar em que medida o uso da reportagem elaborada por discentes como tarefa didática pode promover momentos de estímulo ao imaginário, à emoção e à intuição do aprendiz, contribuindo para um ensino criativo, na perspectiva da transdisciplinaridade e da complexidade. Neste sentido, analisa-se a reportagem como ferramenta pedagógica, produzida, apresentada e dirigida por discentes, sob orientação docente, e suas alternativas de uso, na direção de um ensino criativo. Possibilidades educacionais são verificadas no sentido da compreensão de estímulos a práticas pedagógicas que despertem nos estudantes interesse pelas aulas, de forma que realizem espontânea e prazerosamente as tarefas propostas. Estabelece-se um diálogo entre as áreas de Educação e de Comunicação, considerando técnicas e perspectivas de Jornalismo e seus possíveis benefícios ao espaço escolar. Inicialmente, expõem-se sucintamente desafios da escola pública brasileira no contexto tecnológico digital contemporâneo, verificando-se possibilidades de uso de dispositivos móveis digitais para construção de reportagens. Em seguida, verifica-se a reportagem como instrumento didático, buscando-se descobrir se esse gênero jornalístico configura-se como tarefa didática criativa, na perspectiva transdisciplinar e complexa, rumo a um fazer pedagógico motivador, dinâmico e agradável. O estudo flui de uma sequência de trabalhos interdisciplinares cuja investigação teve início em 2015 resultando na publicação do livro A reportagem como instrumento didático: perspectivas e possibilidades, publicado em 2016.<sup>1</sup>

**Palavras-chave:** Ensino criativo, Reportagem, Complexidade, Transdisciplinaridade.

### Introdução

O artigo verifica a reportagem como ferramenta pedagógica no contexto tecnológico atual, considerando-se a escola pública brasileira no âmbito do Ensino Médio e as possibilidades de uso de tecnologias digitais, sobretudo dispositivos móveis. A investigação é feita mediante diálogo entre os campos da Educação e da Comunicação, focando-se no Jornalismo e, principalmente, na reportagem como possibilidade pedagógica. Os frutos desta interdisciplinaridade são enfocados na perspectiva de uma educação transdisciplinar e de um ensino inovador, apresentados a partir de trabalhos já publicados da autora. Atinge-se o objetivo do artigo mediante pesquisa bibliográfica e qualitativa, que se insere na ótica dos Estudos Culturais, verificando-se desafios pedagógicos contemporâneos e a aplicação didática

---

<sup>1</sup>Este artigo, em especial, é um texto adaptado de outra investigação realizada para o III Seminário da Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC), organizado pela Universidade Federal do Tocantins (31.08 a 02.09.2017), realizado em Palmas -TO.

de reportagem mediante o uso de tecnologia digital na escola. A abordagem é feita pelo método dedutivo. Aproveitando sua experiência como orientadora de aprendizagem e jornalista, a autora pontua acerca de reportagem produzida, apresentada e dirigida por discentes, sob orientação docente. Em seguida, a pesquisa verifica em que medida a reportagem (como instrumento didático) pode, em conjunto com o uso de tecnologias digitais, sobretudo dispositivos móveis, contribuir para a construção de um ensino criativo. Assim, justifica-se o texto porque o exame é feito no sentido de propor-se uma alternativa metodológica capaz de promover aulas motivadoras, dinâmicas e agradáveis para o aluno.

### **Educação contemporânea e tecnologia digital**

Considera-se, ainda que brevemente, aspectos do cenário educativo, observando, no caso específico deste artigo, a escola pública, no Ensino Médio, como instância de aplicação do instrumento didático em questão. Isto se faz necessário para que se entendam desafios pedagógicos epistêmico-metodológicos da escola brasileira. Entre os transtornos ali verificados, a questão metodológica de ensino flui como curiosidade epistemológica, sendo central neste trabalho. Assim, embora considerando problemas educativos de ordens diversas, o artigo encaminha-se diretamente para “metodologias didáticas arcaicas, ainda muito ligadas ao modelo pedagógico tradicionalista, que não despertam o interesse do discente.” (NASCIMENTO, 2016, p. 33). Convém lembrar que, não apenas no Brasil, o ambiente educativo atual “vive um tempo de grandes incertezas e de muitas perplexidades.” Isto tem gerado indefinições e hesitações, que se refletem no exercício da profissão do educador, evidenciando-se, muitas vezes, a ausência de criatividade. Entende-se que é preciso intervir, mas não se estabelece o caminho a seguir: “Sentimos a necessidade da mudança, mas nem sempre conseguimos definir-lhe o rumo. Há um excesso de discursos, redundantes e repetitivos, que se traduz numa pobreza de práticas.” (NÓVOA, 2009).

O desinteresse dos discentes nas aulas, possivelmente pode ter sido ampliado com a presença dos dispositivos móveis. No ambiente escolar, o uso não didático de *smartphones*, por exemplo, tem sido motivo de reclamações por parte de professores que, decepcionados, queixam-se da desmotivação dos estudantes durante as ministrações. Isto constitui um desafio e faz lembrar Nóvoa (2011, p. 5): “Hoje, todos os alunos estão na escola, mas nem todos têm acesso ao conhecimento. Há muitos alunos que não querem aprender, que não têm qualquer projecto escolar, e a escola encontra-se perdida perante esta realidade.” E amplia: “Não sabemos o que fazer com estes alunos que não nos respeitam, para os quais a escola não tem sentido.” Nascimento (2016, p. 83) ressalta a preferência dos jovens (nativos digitais) pelos

*smartphones* que, embora já possuam e tragam consigo essas tecnologias, veem-se proibidos de usá-las na escola, enquanto educadores queixam-se da insuficiência de equipamentos de informática ou da inadequação de salas multimídia com internet que atenda as demandas da escola pública. Quanto a isto, para Costa e Suanno (2016, p. 27) “o professor encontra-se muitas vezes coagido, apreensivo, inseguro em usar as tecnologias em sala de aula, por não saber como usá-las adequadamente ou até algumas vezes por falta de apoio dos colegas ou da escola e ainda pelo medo de ser discriminado.”

Nesse contexto de desafios epistêmico-metodológicos, Nóvoa (2014) entrelaça conhecimento e inteligência, mostrando a necessidade de uma pedagogia que permita a ligação recíproca de saberes e que leve ao entendimento desses saberes: “A pedagogia do conhecimento é a pedagogia da inteligência. [...] Não no sentido dos coeficientes de inteligência mas no sentido etimológico da palavra inteligência.” Nesta direção, “o que quer dizer inteligência? Quer dizer: *inter legere*, interligar. A capacidade de interligar, a capacidade de dar sentido aos conhecimentos, a capacidade de conduzir o aluno a compreender os conhecimentos.” O autor comentando também sobre o conhecimento ruidoso e aglomerado presente na *internet*, mostrando que é preciso intervir com mediações no sentido de uma aprendizagem ativa. Isto representa “a capacidade de pôr ordem no caos da internet, no mundo dessa teia, onde há de tudo: coisas verdadeiras, coisas falsas, coisas sem sentido.” Nóvoa prossegue, informando que “É esse o trabalho do professor e para isso precisamos de uma pedagogia radicalmente diferente daquela que ainda hoje subsiste nas nossas escolas e nas nossas universidades.” Em outras palavras, para Nóvoa, “Uma pedagogia da Inteligência, uma pedagogia da capacidade da apropriação, da capacidade da compreensão, da capacidade de dar sentido às coisas e não uma pedagogia da mera transmissão passiva do conhecimento.” Ele adverte que “os conhecimentos estão lá todos no *tablet*, estão lá todos no *ipad*. É preciso se trabalhar o que está dentro daquelas máquinas e não acreditar que basta transmitir conhecimento de forma passiva.” Pensar um espaço escolar criativo está ligado, portanto, à valorização da teia que forma os enredos didáticos e das interdependências aluno-professor-ambiente, como forma de ressignificação deste processo. Em outros termos, “o desafio da pedagogia é o desafio da inteligência, da interligação.” Assim, “O desafio da escola é o desafio das redes e das relações, de dar sentido às redes e às relações e não apenas um espaço fixo onde acontecem relações relativamente pobres e muitas vezes pouco interessantes.” Nóvoa amplia essa questão, vinculando-a à dinâmica de uma pedagogia dialógica: “É por isto que o desafio da escola, a revolução da escola é a capacidade de

valorizar as redes. De valorizar uma pedagogia das redes, que é uma pedagogia da comunicação e do diálogo.” E ainda: “Comunicação e diálogo são as palavras-chave da pedagogia do movimento da escola moderna, do Frenet, do Paulo Freire, do movimento dos grandes movimentos pedagógicos do século 20, em que todos dissemos que era preciso fazer isso mas quase nunca fizemos”. (NÓVOA, 2014).

Como resultado do uso de metodologias e técnicas ineficazes, em diversos momentos o ensino não se tem configurado como criativo. Em consequência, as tarefas didáticas propostas aos aprendizes não despertam suficientemente sua curiosidade epistemológica, sua necessidade de ir além na construção do conhecimento. Dito de outro modo, o modelo tradicional não oferece tarefas que deem asas à imaginação do estudante, que lhe despertem a aventura do saber e do criar e lhe permitam saltos transdisciplinares. A propósito, “A abordagem transdisciplinar propõe um ensino para a vida e pela vida, dentro de um enfoque multicultural e eco-sistêmico, proporcionando à criança o acesso às fronteiras do conhecimento que se revelam cada vez mais integradas [...]” (JOSGRILBERT, 2016, p. 14).

Quanto às atividades didáticas, cabe ressaltar a necessidade de propostas que abram horizontes e propiciem ao aluno um contato maior com o objeto e o meio, que lhe proporcione uma aprendizagem sensorial e quinestésica. Esta prática pedagógica insere-se numa perspectiva da transversalidade e da complexidade, esta última entendida a partir de um mundo plural e complexo, de partes que se relacionam entre si e com o todo. Neste sentido, e na mira de questões epistemológicas, Ribeiro e Moraes (2014, p. 247) sintetizam que os fenômenos são orientados por uma dinâmica vigorosa, explicando que “o observador perturba o objeto, que, por sua vez, perturba o sujeito observante.” E ampliam: “Um abre uma brecha no outro de tal forma que a existência de ambos nada mais é do que a manifestação de duas emergências inseparáveis em suas relações, interações, em seus mais diferentes processos.” Desta forma, e à luz da perspectiva transdisciplinar e complexa, convida-se neste artigo a pensar numa aprendizagem em que sujeito/objeto ou sujeito/meio influenciem-se em interações, estejam em conexão vigorosa, não dicotomizados. Afinal, “no cerne da transdisciplinaridade está a relação sujeito/objeto ou sujeito/meio, mas uma relação nutrida por um dinamismo energético, informacional ou material [...]” (RIBEIRO e MORAES, 2014, p. 246). Numa pedagogia que se encaminha para uma aprendizagem dessa natureza, as informações e as entidades fluem, sendo, ao que parece, mais facilmente compreendidas pelo sujeito aprendente.

Chega-se, assim, a algumas perguntas norteadoras: Que metodologia adotar no sentido de despertar a curiosidade epistemológica do discente e seu desejo de aventurar-se no conhecimento? Que pedagogia praticar para incentivar o aluno em direção à liberdade epistemológica de ação/criação e a momentos transdisciplinares? Que didática seguir para estímulos a leituras sensoriais do meio e a momentos mais quinestésicos, lúdicos e prazerosos, que valorizem a intuição, a emoção e o imaginário do discente?

Considerando a reportagem como alternativa metodológica no contexto da transdisciplinaridade e da complexidade, formula-se uma pergunta central: O uso da reportagem, elaborada por estudantes como tarefa didática, promoveria momentos de estímulo ao imaginário, à emoção e à intuição do discente, contribuindo para um ensino criativo, na perspectiva da transdisciplinaridade e da complexidade? O objetivo deste artigo é responder a esta pergunta de pesquisa, verificando aportes teóricos que mostrem possibilidades da reportagem na escola, como ferramenta alinhada com práticas pedagógicas capazes de mudar o perfil da aula apresentada, rumo à uma pedagogia inovadora.

### **O ensino criativo na perspectiva da complexidade e da transdisciplinaridade**

Para Ribeiro e Moraes (2014, p. 247), a relação sujeito/objeto compreendida na ótica da transdisciplinaridade e da complexidade encontra-se no núcleo das operações criadoras. As autoras explicam que “a criatividade é também fruto de uma tessitura comum que não separa sujeito, objeto e processo; que não separa sujeito, campo e domínio, como proposto por Mihaly Csikszentmihalyi”. Em outros termos, sujeito observador, objeto observado e processo de criação estão intimamente ligados por forças várias. Os elementos sujeito/objeto/processo não podem ser entendidos dicotomicamente, sob pena de perderem-se os componentes formadores de um processo criativo autêntico e profundo. Perceber essas entidades separadamente é negar a existência de interações entre elas, entre as partes entre si e entre as partes e o todo. Essa contextura resultante da criatividade pode ser entendida como algo que procede do sujeito, de dentro dele, e que vem à tona com a participação de uma rede vigorosa, de caráter informacional ou material, “que integra fenômenos de natureza biológica, psicológica, social, cultural e espiritual, produto de interações organizacionais complexas constitutivas das várias tramas da vida.”

Considerando-se o processo criativo no ambiente escolar e numa linha semelhante de pensamento, Woods (1991, p. 133) entende que a criatividade traz em si “a combinação de factores cognitivos, culturais, sociais e emocionais, bem como a mistura de elementos públicos e privados, formais e informais, exteriores e interiores à escola.” Gardner (1999)

intui de forma parecida, ao abordar a emoção e a motivação como componentes importantes em questões educacionais. De modo semelhante, Oliveira e Alencar (2008), a partir de Sternberg e de Lubart, comentam sobre a Teoria do Investimento em Criatividade, mostrando que o processo criativo liga-se à uma conjugação de elementos interconectados. Oliveira e Alencar afirmam que essa teoria “considera que a criatividade provém de seis fatores distintos que se inter-relacionam e que não podem ser vistos isoladamente: inteligência, estilos intelectuais, conhecimento, personalidade, motivação e contexto ambiental.” Em outro momento elucidativo sobre qualidades do educador criativo, as autoras partem de Torrance para pontuar que “é possível se ensinar a pensar criativamente, utilizando-se vários meios, sendo que os de maior sucesso envolvem a função cognitiva e emocional, possibilitam adequada estrutura e motivação e dão oportunidades para envolvimento, prática e interação entre professores e alunos”. (OLIVEIRA e ALENCAR, 2008, p. 297). Em síntese, a criatividade brota numa dinâmica espontânea: o sujeito percebe, raciocina, cogita, conjuga ideias, opera “sobre um objeto ou produto criativo.” (RIBEIRO e MORAES, 2014, p. 247). Pensar criatividade sob o prisma da transversalidade e da complexidade é, portanto, reconhecer que os diversos elementos que compõem um todo estão em relação, e “nenhuma dessas dimensões funciona de modo isolado, autônomo, mas sempre de maneira interdependente, relacional, interconectada [...]”.

Sob a ótica transdisciplinar e complexa, considere-se que esse sujeito observador e o mundo onde vive são plurais e complexos. Esse sujeito é pluridimensional, mescla razão e emoção, deixa-se alcançar pelo imaginário que emerge e altera, pelas emoções que brotam, pelas intuições que vêm à tona e dirigem-se ao objeto, “na tentativa de criá-lo ou de recriá-lo.” Ribeiro e Moraes (2014, p. 247-248) descrevem esse observador transdisciplinar e complexo relacionando-o com aquilo que o cerca, como “Um sujeito que flui em sua experiência criativa, dependente das circunstâncias nas quais se encontra inserido,” que, segundo as autoras, são “potencializadoras de um determinado campo energético, informacional ou material, que favorece o desenvolvimento da atividade e a expressão da criatividade.” Para reafirmar que a complexidade encontra-se no criar/gerar, Ribeiro e Moraes (2014, p. 248), partem de Morin para pontuar “que toda ação humana é ontologicamente complexa, ao se mover nas incertezas das relações interdependentes.” Neste sentido, as autoras explicam que acontece uma dialógica do sujeito consigo mesmo, com outros sujeitos e com o objeto criativo e que este movimento de interlocução “favorece as relações criativas, as trocas, os intercâmbios, as inter-retroações ocorrentes entre entidades físicas, químicas e

psíquicas, complexamente unidas nas estruturas organizacionais dos sistemas vivos.” Assim, o pensamento de Restrepo (2004, p. 77-88) sobre a valorização da dimensão quinesésico-sensorial do discente parece também alinhar-se com a produção de um contexto didático que favoreça a criatividade. Para o autor, a visão e a audição tem prevalecido nas práticas pedagógicas, negligenciando-se o uso do tato e do olfato, bem como dos movimentos do aprendiz. Convém, pensar em tarefas que harmonizem uma utilização mais ampla de corpo e mente, em direção à produção de um contexto que estimule relações intersubjetivas e as interações presentes na teia existente entre sujeito observador e objeto observado, já descrita.

Retomam-se Ribeiro e Moraes (2014, p. 249), para mostrar que na perspectiva da transdisciplinaridade compreende-se o processo criativo “como a expressão de uma vivência de natureza complexa, de um conhecimento de natureza transdisciplinar, que se materializa a partir das atividades desenvolvidas e das relações emergentes.” As autoras explicam que ao executar-se uma tarefa de criação, pode surgir a necessidade de que conhecimentos de campos distintos sejam trabalhados, levando o sujeito a reconectar pontos disciplinares da dialógica empreendida com os objetos observados, “colocando-os em interação, buscando descobrir potencialidades, convergências, divergências, em busca de um conhecer mais global, integrado e abrangente.” O manejo do objeto, na atividade criativa, permitirá que se vá além dos limites disciplinares e que se forme “um conhecimento diferenciado, um produto criativo, percebido a partir de outro nível de realidade.” Assim, o saber resultante do processo criativo amplia-se no intercâmbio e na religação com outros conhecimentos. Ribeiro e Moraes (2014, p. 249) evidenciam que isso acontece ao desenvolver-se uma tarefa “que exige certo esforço mental, concentração, atenção, encadeamento de pensamentos racionais, intuitivos e imaginários que se dão em um movimento de fruição, mediante esforço desenvolvido para o alcance dos objetivos ou das metas almejadas.”

Nessa dinâmica transdisciplinar verificada na interatuação do sujeito com o objeto, novos dados, intuições e entendimentos emergem e fazem brotar saberes, “novas nuances ou facetas do objeto vão sendo desveladas, percebidas, exploradas ou recriadas, ampliando-se, assim, os níveis de consciência do sujeito transdisciplinar em relação ao que está ocorrendo.” Nesta direção, convém lembrar Oliveira e Alencar (2008, p. 296) que, a partir de Csikszentmihalyi e suas análises sobre sistemas sociais, abordam a Perspectiva de Sistemas, entendendo “a criatividade como um fenômeno que se constrói entre o criador e a sua audiência, valendo-se da interação e gerando um ato, uma idéia ou um produto que modifica um domínio já existente ou o transforma em um novo.” Ribeiro e Moraes (2014, p. 249)

esclarecem, também, que “A qualidade do que ocorre entre os níveis de materialidade do objeto e os níveis de percepção do sujeito [...] depende do conhecimento que se tenha acumulado ou desenvolvido, depende das inspirações do sujeito transdisciplinar.”

### **Da construção da reportagem à formação do aprendiz transdisciplinar e complexo**

Antes de examinar a reportagem e a partir dela estabelecer contrapontos com processos didáticos, abordam-se, brevemente, Jornalismo e reportagem, em seus conceitos. A apresentação destes fornecerá elementos para análise da reportagem como instrumento pedagógico em suas possíveis conexões com um ensino criativo, sob a ótica transdisciplinar e complexa. Para além de debruçar-se sobre conceitos que ponderam sobre questões operacionais do fazer jornalístico, pode-se lembrar com Rossi (1995, p. 7) que “Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é a fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores e ouvintes.” Esse conceito remete ao caráter envolvente e pitoresco da tarefa jornalística, com todas as possibilidades de convencimento oferecidas pela palavra.

Convém, com Charaudeau (2007, p. 221), conceituar a reportagem como um fazer jornalístico que “trata de um fenômeno social ou político, tentando explicá-lo.” O autor identifica que esse gênero “recorre a diversos tipos de roteirizações, utilizando os recursos designativos, figurativos e visualizantes da imagem”. Partindo de Bakhtin, Campos (2011) observa que a reportagem “tem texto, mas também tem legenda, fotografia, depoimento”. Assim, a reportagem, pelas suas especificidades, exerce fascínio sobre os que se envolvem em sua elaboração. Nascimento (2006, p. 67) reconhece, a partir de Pereira Filho, o deslumbre contido na reportagem: “o jornalista, mais livre de amarras regulatórias e burocráticas, mantém-se em contato com uma prática que pode trazer [...] a marca da ousadia, da incerteza e do perigo, possibilitando ao repórter vivenciar momentos inesperados e surpreendentes”.

### **Imergindo na realidade, emergindo em criação**

Para que se verifique a reportagem como instrumento pedagógico que contribua para um ensino criativo, na ótica da transdisciplinaridade/complexidade, busca-se identificar, inicialmente, possíveis componentes desse gênero jornalístico capazes de instigar a imaginação, a emoção e a intuição do discente. De acordo com os aportes teóricos aqui abordados, cabe lembrar a necessidade de entenderem-se sujeito, objeto e processo de criação como elementos inseparáveis, interdependentes, vinculados por forças diversas. Além disso, compreenda-se que entre o sujeito e o/os objeto/s há uma rede vigorosa que os influencia na

realização do produto criativo e que essa rede associa fenômenos de ordem sociocultural, biológica, psicológica e espiritual. A partir desse entendimento, a reportagem produzida, apresentada e dirigida por discentes, sob a orientação do professor, como tarefa didática pode representar um ensino criativo, por configurar-se como atividade que gera um contato direto com o ambiente ao redor do discente. Ainda que proposta como atividade a ser feita na sala de aula, em outro ambiente da escola ou fora dela, a construção de uma reportagem propicia um contato maior com pessoas e objetos constitutivos do espaço ocupado por aquele/s envolvido/s na tarefa didática. Em outros termos, o discente terá a sua frente pessoas e objetos dele conhecidos, ou não conhecidos, mas que ele pode reconhecer como pares seus, com quem pode interagir e trabalhar, no processo de criação da reportagem. É neste contexto que a reportagem insere-se, pois, pela natureza do próprio fazer jornalístico, ela requer criatividade por parte daquele que a produz, na medida em que há a necessidade de coleta e observação cuidadosa da realidade, para elaboração e compartilhamento de informações junto ao público.

A importância deste contato mais direto do aprendiz com o ambiente pode ampliar-se quando a realização da reportagem sai dos limites da escola e explora outros ambientes, intramuros ou extramuros. Diferenciando-se de outras tarefas, a reportagem, ao permitir ao discente uma variedade de roteiros, a presença de imagens estáticas ou em movimento, de textos, de sonoras, de depoimentos e de entrevistas, propicia ao estudante mergulhar na situação com um amplo leque de possibilidades didáticas a explorar na realização de seu trabalho. Essa imersão no ambiente dá-lhe liberdade de ação, criação e recriação, tanto pela possibilidade ampliada de escolher o caminho didático a seguir como pela materialização de uma tarefa que coloca sujeito, objeto e processo de criação frente a frente em sua inseparabilidade e interdependência, deixando fluir as forças presentes na rede de interações entre eles. Os fenômenos de ordem sociocultural, biológica, psicológica e/ou espiritual que essa rede associa encontram-se no processo criativo vivenciado naquele momento didático, pois este acontece no espaço escolar do discente ou, quando fora dele, ocorre geralmente no bairro, cidade ou estado do estudante, em contato com sua concretude social, com suas raízes, convergências e divergências, formalidades e informalidades. Este tipo de tarefa, como se vê, permite uma melhor percepção da informação e das entidades materiais que cercam o aprendiz, permitindo-lhe uma vivência sociocultural e emocional maior, por imergir em dados e fatos concretos e por ele sentir-se “repórter”, com tudo que isto representa em termos de fascínio, surpresas, ousadias e prazeres.

Em outros termos, pode-se dizer que a realização da reportagem ajuda o sujeito observador, no caso, o estudante, em seu processo criativo. Essa tarefa estimula-o a pensar, combinar ideias, perceber partes e todo em suas interações e interdependências, numa situação ricamente contextualizada e contextualizadora. Este cenário didático permite também o aproveitamento de experiências culturais do discente e o intercâmbio dessas com outros aprendizes, além de propiciar, com mais força, fluxos de razão, emoção, imaginação, intuição e sensibilidade. Estas combinações favorecem a capacidade de (re)ligar saberes e de superar limites disciplinares, conduzindo positivamente o estudante a realidades plurais, complexas e transdisciplinares, além de estimulá-lo criativamente em direção à uma aprendizagem prazerosa e dinâmica.

Finalmente, registra-se que a proposta da reportagem como ferramenta pedagógica, nos moldes em que é aqui apresentada, pode ser aplicada de forma muito simples como tarefa escolar. Assim entendida, a sugestão apresenta-se apenas como ideia metodológica aberta que os professores podem usar alternativamente, já que grande parte dos estudantes trazem consigo celulares multifuncionais capazes de filmar, realizar sonoras, fotografar, etc. Além disso, a proposta prevê a elaboração de reportagem produzida, apresentada e dirigida por estudantes, sob orientação do professor, no espaço da sala de aula ou fora dele, dependendo das possibilidades oferecidas pelo ambiente escolar e pelos próprios docente e discente. A ideia é começar pela sala de aula, entendendo que a reportagem produzida, apresentada e dirigida por discentes, sob orientação docente, não precisa ter o rigor da técnica requerida na prática jornalística como profissão. Deverá ser produzida com os recursos já disponíveis em termos de tempo, espaço e materiais, para depois, se for o caso, lançar-se a projetos de reportagem maiores, conforme as possibilidades dos envolvidos na tarefa didática. Não é necessário o uso de internet e de sala multimídia, nem de profissionais experientes em informática: aproveitam-se os estudantes e seus dispositivos móveis, com os quais já estão familiarizados. Neste caso, Nascimento (2016, p. 84) lembra que o uso dos celulares, requer regra, equilíbrio e “revisão de posturas e de métodos pedagógicos que, embora tradicionalmente vivenciados, podem estar na contramão do processo educativo.”

### **Considerações Finais**

A partir da análise do cenário educativo brasileiro, constata-se a existência de desafios pedagógicos no âmbito da escola pública, entre os quais a presença de métodos de ensino superados. Percebe-se, diante disso, a necessidade de intervenção no sentido de aprimorar práticas pedagógicas que possam despertar o interesse do discente. O uso indevido

e não didático de celulares tem agravado esta situação, o que tem levado muitas escolas a proibirem tais aparelhos na sala de aula. Descobre-se, em sentido contrário, a necessidade de uso equilibrado da tecnologia digital, aí incluídos os dispositivos móveis, no sentido de uma metodologia e de uma aprendizagem ativas que encaminhem o discente em direção à interligação de saberes e à compreensão, através de uma pedagogia dialógica. A pesquisa, ao verificar o ensino criativo na perspectiva da transdisciplinaridade e da complexidade, revelou que a criatividade é estimulada quando se valorizam as interações intersubjetivas e outras existentes na teia que compõe o mundo plural e complexo, formado por partes que se relacionam entre si e com o todo. No contexto específico da escola, descobre-se que uma pedagogia criativa sob a ótica transdisciplinar e complexa é aquela que valoriza a teia de relações entre sujeito observador e objeto observado, e que uma tarefa didática criativa é aquela em que sujeito/objeto ou sujeito/meio influenciam-se em interações.

Observando-se sujeito, objeto e processo de criação como itens inseparáveis e interdependentes, influenciados por uma rede energética no sentido da construção do produto criativo, percebe-se que a reportagem produzida, apresentada e dirigida por discentes como tarefa didática pode representar um ensino criativo. Esta percepção é feita a partir da análise da reportagem como atividade didática geradora de um contato amplo do sujeito com o ambiente a sua volta e como tarefa capaz de mobilizar equilibradamente a dimensão quinestésico-sensorial do discente, levando-o a maiores níveis de interação e percepção, que lhe permitem superar os limites da disciplina. Neste sentido, descobre-se, finalmente, que o uso pedagógico da reportagem, ao instigar momentos didáticos de incentivo ao imaginário, à emoção e à intuição do discente, colabora na construção de um ensino criativo, sob o prisma da transdisciplinaridade e da complexidade, sendo capaz de produzir um aula mais dinâmica e motivadora para professores e estudantes.

## Referências

CAMPOS, Maria Inês B. *Os gêneros do discurso*. Programa realizado em 2011, no Bloco 2, pela UNIVESP TV. Vídeo D-17 - PGM 05. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mB3TwwXsbZg>>. Acesso em 05.06.17.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

COSTA, Ana Carolina Fernandes da e SUANNO, Marilza Vanessa. O pensar complexo na educação: em busca de uma cidade e uma escola sustentável. In: SUANNO, Marilza Vanessa. (Org.). [et al.]. Goiânia : Editora UFG, 2016. *Fórum Internacional de Inovação e*

*Criatividade (7.: 2015 : Goiânia, GO) e Seminário da Rede Internacional de Escolas Criativas (2. : 2015 : Goiânia, GO) Anais do VII Fórum Internacional de Inovação e Criatividade e II Seminário da Rede Internacional de Escolas Criativas, 03, 04 e 05 de setembro de 2015 / Marilza Vanessa Rosa Suanno (Org.). [et al.]. – Goiânia : Editora UFG, 2016.*

GARDNER, Howard. *O verdadeiro, o belo e o bom: Os princípios básicos para uma nova educação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

JOSGRILBERT, Maria de Fátima Viegas et al. A educação infantil sob um olhar transdisciplinar. In: *Fórum Internacional de Inovação e Criatividade (7.: 2015 : Goiânia, GO) e Seminário da Rede Internacional de Escolas Criativas (2. : 2015 : Goiânia, GO). Anais do VII Fórum Internacional de Inovação e Criatividade e II Seminário da Rede Internacional de Escolas Criativas, 03, 04 e 05 de setembro de 2015/ Marilza Vanessa Rosa Suanno. [et al.]. (Org.). Goiânia: Editora UFG, 2016.*

NASCIMENTO, Rosângela Dias Carvalho do. *A reportagem como instrumento didático: perspectivas e possibilidades*. João Pessoa: Ideia Editora, 2016.

NÓVOA, António. La formación de profesores de Educación Secundaria. *Revista de educación*. Nº 350, Septiembre – Diciembre, 2009. Disponível em: <[http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350\\_09por.pdf](http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf)>. Acesso em 04.jun.17.

\_\_\_\_\_, António. *Pedagogia: A Terceira Margem do Rio*, 2011. p. 5. Disponível em <<http://www.iea.usp.br/pesquisa/conferencistas-internacionais/antonio-novoa?searchterm=ARTIGO+DE+ANT%C3%93NIO+N%C3%93VOA>>. Acesso em 09.06.17.

\_\_\_\_\_, António. *Formar professores para o futuro*. In: III Encontro PIBID UNESPAR. Produção do PIBID UNESPAR em Matinhos e Paranaguá: 2014. Disponível em: <<http://www.pibidunespar.com.br/index.php/noticias/74-iii-encontro-pibid-unespar-antonio-novoa-conferencia-formar-professores-para-o-futuro>>. Acesso em 01.06.17.

OLIVEIRA, Zélia Maria Freire. ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano. A criatividade faz a diferença na escola: o professor e o ambiente criativos. *Contrapontos* - volume 8 - n.2 - p. 295-306 - Itajaí, mai/ago 2008. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/954/810>>. Acesso em 09.06.17.

RESTREPO, Luiz Carlos. *Ética do amor*. Tradução Carlos Diogo. Coimbra: Ariadne, 2004.

RIBEIRO, Olzeni Costa. MORAES, Maria Cândida. *Criatividade em uma perspectiva transdisciplinar: rompendo crenças, mitos e concepções*. Brasília: Liber Livro, 2014.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. 10 ed. (Coleção primeiros passos). Primeira impressão: São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. 1980.

WOODS, Peter. Aspectos Sociais da Criatividade do Professor. In: NÓVOA, António. (Org.). *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 1991.